

DOI: 10.17234/SRAZ.66.9

UDK: 821.134.3.09 Mãe, V. H.

Preliminary communication

Recebido a 30 de maio de 2020

Aceite para a publicação a 18 de outubro de 2021

O princípio de alteridade na procura do sentido da vida

Ana Ille Horvat

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Zagreb

ana_ille@yahoo.com

A literatura contemporânea destaca a alteridade como o elemento importante na construção identitária individual e nacional. Valter Hugo Mãe, um dos escritores mais estimados na literatura portuguesa contemporânea, elabora o tema da alteridade já desde os seus primeiros romances. A mundividência construída na base da marginalização, singularidade e isolamento dos indivíduos ou nações, oferece-nos novas e diferentes soluções nas procuras do sentido da vida. Mesmo no romance *Homens imprudentemente poéticos*, o último romance do autor, escolhido neste artigo como a base de análise da importância da alteridade, os protagonistas são dois excêntricos, inimigos desde sempre. Dois pólos opostos, dois seres singulares, cada um de sua maneira, descrevem-nos os seus medos, as suas esperanças e diferentes caminhos da vida, descobrindo neles o próprio sentido. O nosso objetivo seria analisar as vidas destes dois sujeitos, com identidades construídas no conceito da alteridade. A importância da localidade – o Japão, o seu misticismo, mitos e segredos é imprescindível. O retorno às origens ancestrais e à natureza têm um papel importantíssimo em descobrir os caminhos perfeitos. As vidas de dois artesãos japoneses provam-nos que a dupla alteridade – espacial e individual, na combinação com o telurismo e tradição – dá respostas finais na procura do sentido.

Palavras-chaves: alteridade, marginal, isolamento, Natureza, tradição.

Valter Hugo Mãe, um dos escritores mais estimados na literatura portuguesa contemporânea, desde as suas primeiras narrativas, questiona a condição humana através do conceito de alteridade. Na sua biografia encontram-se muitos elementos que parecem estar na base da alteridade presente nas construções ficcionais dos seus personagens. Nascido em Angola, desde os anos mais precoces mudou com os seus pais para Portugal. As suas lembranças infantis mais fortes estão ligadas a Caxinas, o lugar onde se sente uma austeridade forte, onde a vida e o cotidiano do povo representam um mundo bem diferente de todas as histórias africanas que tinha ouvido dos seus pais e na base das quais tinha construído a imagem fantástica do mundo africano. Ambos os polos tinham e ainda têm um papel importantíssimo na sua criação literária. Depois de se licenciar em Direito, acabou o curso de Doutoramento em Literatura Moderna e Contemporânea,

na Universidade do Porto. Apesar de ter começado o seu caminho literário escrevendo poesia, o maior número de prémios e a melhor receção do público ganhou graças às suas obras em prosa cuja popularidade resultou em traduções em várias línguas.¹

Publicou sete romances, *o nosso reino* (2004), *o remorso de baltasar serapião* (2006), *o apocalipse dos trabalhadores* (2008), *a máquina de fazer espanhóis* (2010), *o filho de mil homens* (2011), *A desumanização* (2015) e *Homens imprudentemente poéticos* (2016), o último dos quais será o foco do nosso interesse nesta análise. Os primeiros quatro romances pertencem à tetralogia, cuja abordagem é percorrer a vida humana desde a infância até a terceira idade. Os últimos três mostram a sua plena maturidade literária. Mesmo na multiplicidade dos seus estilos – naturalismo dos seus primeiros romances até ao lirismo dos últimos, o autor nunca deixa de defender as ideias do humanismo, representadas pelos personagens quase desumanizados. A sua escolha são os seres marginais, excêntricos, expostos fora das correntes principais da sociedade, que estão a procurar o sentido da vida, finalmente oferecendo respostas às perguntas vitalícias. Nas suas posições marginais, afastadas do estado humano, aprofundam a sua relação com os animais e a própria natureza. O papel da natureza ultrapassa neste conceito literário a sua função principal, transformando-se na forma primordial, a única que seria “capaz de apaziguar as diferenças ou o ódio das diferenças que religiões, culturas, nações e homens criaram.” (Teotônio, 2016: 362). Portanto, a importância dos espaços que representam o santuário natural, refúgio para todas as identidades marginalizadas, diferentes, que nela própria se desumanizam, acercando-se assim ao seu estado perfeito, é imprescindível. A escolha de Islândia e Japão, com todas as suas singularidades naturais, culturais e geográficas, é o único caminho lógico na procura das respostas vitalícias.

A questão das minorias, daqueles que sofrem pela sua alteridade, é problematizada em todas as narrativas de Valter Hugo Mãe. Partindo da sua famosa tetralogia, o escritor mostra sensibilidade pelos personagens excluídos, oferecendo ao leitor a explicação que eles, com as suas cosmovisões diferentes, balanceando entre o real e irreal, são as únicas, que podem oferecer respostas finais nas procuras das perguntas vitalícias encontrando assim o sentido da vida. Em *o nosso reino*, o menino Benjamim, a personagem núcleo, nomeada “o rapaz mais triste do mundo”, descreve as suas observações da comunidade pequena onde vive, envoltas na fantasia, em *apocalipse dos trabalhadores*, o autor defende os mais fracos na sociedade - mulheres e imigrantes, ou os idosos no lar descrito em *máquina de fazer espanhóis*.

Como disse Rafaella Teotônio “Com seis romances publicados, o autor elabora uma escrita que oscila entre o realismo e o poético, onde a alteridade é o ponto de partida para a criação de personagens e histórias que problematizam o *status quo* e buscam representar uma coletividade, geralmente *ex-cêntrica*”. (2016: 350) A construção identitária dos personagens excêntricos exposta e formada da maneira

¹ Recebeu o Prémio Almeida Garrett, em 1999, Prémio Literário de José Saramago, em 2007 e Grande Prémio Portugal Telecom de Literatura, em 2012.

como o faz Valter Hugo Mãe, não se alheia muito do conceito pós-modernista, na teoria de Linda Hutcheon, que destaca a importância destes sujeitos marginais, que oferecem uma perspectiva diferente, mais crítica, descentralizada, que se aproxima, desumanizando-se, ao mundo animal, afastado da condição humana. (Hutcheon, 1996: 125)

A última obra em prosa de Valter Hugo Mãe, *Os homens imprudentemente poéticos*, reside nas raízes da cultura japonesa, rica em mitos e tradições, "(...) um mundo da ordem do transcendente, no qual árvores, pedras, rios manifestam vontades e afirmam a sua substância humanizante e a instauração de uma ordem panteísta." (Pascoal 2017: 252) A história do romance ocorre numa aldeia, perto da conhecida Floresta Aokigahara, situada na base noroeste do monte Fuji, conhecida também como "Mar da floresta".² O lugar é singular, com muitas caves e rochas, onde a densidade das árvores não permite entrada ao vento e onde não vivem animais. A Floresta é o santuário verdadeiro, com a natureza exposta na toda a sua pureza, vegetações e solo, que criam a sua própria história da vida e busca da verdade, mostrando-nos a sua espiritualidade. A natureza rica, o monte Fuji, com a Floresta de Suicidas e a sua força mística, causam a impressão a cada um que entre para descobrir a verdade que os suicidas tinham já descoberto.

A forte influência da terra e símbolos telúricos começam a aparecer na forma narrativa na literatura hispanoamericana do século XX. Vastos espaços naturais americanos serviam como inspiração de vários autores que neles e nos seus símbolos buscavam ordem e paz envoltas no círculo da vida. Mitos ancestrais e crenças supersticiosas fortemente guiavam as vidas dos indivíduos fechados nas pequenas localidades isoladas, fora dos centros urbanos. (Polo García, 1975)

De modo parecido, no ambiente místico da floresta japonesa, destaca-se a importância dos símbolos naturais – neste microespaço, os personagens vivem as suas vidas dentro do ciclo natural, movendo-se submetidos às regras do solo, aproveitando os seus talentos natos na criação artesanal. „Cada microespaço, cada comunidade, tem o seu Centro, o lugar sagrado *par excellence*. (...) Cada um daqueles microespaços pode ter mais de um 'centro' (Eliade, 2006: 51). *Centro* que se destaca na filosofia do nosso conto manifesta-se através dos símbolos de „floresta“, „árvores“ e „flores“.

Nesse ambiente mítico, sob influência constante da natureza e mitologia ancestral, vivem dois indivíduos, os vizinhos, Ítaro e Saburo, inimigos desde sempre, dois pólos opostos, *medindo a sua sensatez* em cada dia das suas vidas. Ítaro, artesão excêntrico vive com a sua irmã cega, Matsu e a criada, a senhora Kame. O oleiro Saburo, apaixonado profundamente pela sua esposa, a senhora Fuyu, mostra-nos a sua cosmovisão pura, ingénuo, que se opõe ao comportamento do Ítaro, com os atos muitas vezes impensavelmente cruéis.

Como já o título sugere, trata-se de dois homens *imprudentemente poéticos*. Ambos se destacam como excêntricos excluídos da comunidade na qual vivem.

² Outro nome usado da Aokigahara é "A Floresta dos suicidas", posto que numerosos corpos dos suicidas foram encontrados na densidade desse lugar místico.

Itaro, artesão que faz leques maravilhosas, tem um dom muito esquisito – através da morte dos bichos, tem o poder de descobrir o futuro. Uma das suas visões sobrenaturais mostrou-lhe, já na sua infância, o nascimento da sua irmã cega. Sem pais, fortemente ligados, ele e a irmã, a menina Matsu, vivem as suas vidas na pobreza extrema, dependendo só do dinheiro que o irmão ganha fazendo leques tradicionais. O facto de por causa da carência de dinheiro e comida ter decidido vender a sua irmã a um desconhecido, prova que a personagem de artesão se destaca como um sujeito muito cruel. “Itaro nunca usaria o coração para o amor. Dizia: estômago... Amava com o estômago. Só sabia de sobrevivência.” (Hugo Mãe, 2016: 205) O elemento trágico é aquele que predomina na construção identitária do Itaro. As suas trágicas previsões refletem-se na sua vida. Carência, pobreza e tristeza são os traços principais da sua vida. „O que lhe preveria de trágico, porque nunca os bichos mortos lhe contavam alegrias. Apenas conheciam tristezas“ (Hugo Mãe, 2016: 57)

O Saburo, artista benévolo, muito ingénuo, está a passar os dias cuidando das flores, com o coração cheio de amor pela sua esposa, a senhora Fuyu. O oleiro recusa a ausência da sua esposa após a sua morte cruel, cuja presença transcendente, na forma do kimono, representa o ponto central da sua vida.

O quimono da sua senhora a bulir e ele tantas vezes se sentava reparando em cada ínfimo gesto. Mimava-se a contemplar a aparência louca de que a sua esposa ainda estava presente. Pensavam todos que o oleiro aguardava que a veste se expressasse sem equívoco, comunicante e plena de consciência de um amor que se abreviara. Como se o pudesse beijar ou simplesmente escutar. (Hugo Mãe, 2016: 49)

O seu talento artístico de criar olaria é a prova do seu temperamento sensível e ingénuo, cheio de gentileza. Saburo está a procurar o sentido da vida dialogando com a Natureza, cuidando das flores. „Saburo, o menino para sempre, tenro e só estragado pelo amor, apossara-se de paz nenhuma.“ (Hugo Mãe, 2016: 187); „As taças são a terra adulta. Explicava-se assim a ciência da olaria. Taças como terra madura que evoluiu.“ (Hugo Mãe, 2016: 107)

Apesar das diferenças nas suas identidades e vidas, ambos os artistas mostram forte ligação com a Natureza, aproveitando dela todas as suas fontes e riquezas. Mírcea Eliade na sua obra *Ferreiros e alquimistas* explica que os artesões tradicionais, especialmente oleiros, se destacam como representantes das forças e riquezas naturais. „A colaboração com a Natureza, ajudando-a a produzir mais rápido possível e mudar as formas da matéria – cremos que nesses atos descobrimos os começos da ideologia alquimista.“ (Eliade, 1982: 6)

A sinergia do convívio deriva das suas identidades diferentes e do entrelaçamento das suas mundividências opostas. A dicotomia – razão/emoção, sensibilidade/crueldade, sensatez/infantilidade resultam no encontro do sentido final. Inimigos desde sempre, apesar de estarem várias vezes quase dispostos a matar um ao outro, vivem as suas vidas paralelas, entrelaçando os seus destinos, sem poder existir um sem outro. A sua hostilidade acaba numa reconciliação, esgotamento do ódio mútuo.

„Tornou-se público que os vizinhos se queriam matar. O espanto cobriu a comunidade.“ (Hugo Mãe, 2016: 192)

Na filosofia japonesa do Taoísmo, explica-se que a única maneira como os sujeitos opostos podem funcionar é à base da sua oposição, sendo duas partes do mesmo “corpo”. Assim comenta Garcia (2019: 28): “Na filosofia Ying e Yang, os contrários são complementares e cooperativos, do mesmo modo como são destrutivos ou exclusivos; assim, luz e treva não podem existir sem que uma elimine a outra.”

O ambiente austero, a comunidade descrita, perto da densa floresta, representa a base de um outro tipo de alteridade – alteridade espacial. A gente quase comunica com a Natureza, consegue compreender melhor a sua beleza e crueldade e aproveitar tudo possível que a terra está a oferecer. Cada luta interna, todas as dores, crueldades, amores e belezas dos nossos protagonistas encontram lá, nesse ambiente natural, a solução. Nessa plena harmonia com a Natureza, o Ítaro e o Saburo fazem desaparecer os muros que os separam, deixando atrás os fantasmas do seu passado.

O romance que nos conta o conto de *homens imprudentemente poéticos* ensina como na harmonia de vida e morte, da gentileza e crueldade, do bem e do mal, pode ser encontrada a paz final. Os lugares alternativos, onde dominam as leis naturais, representam pontos-chaves na procura do sentido da vida e na realização final da existência de cada indivíduo. Pequenas comunidades, „no fim do mundo“ afastadas e isoladas, sob a forte influência das superstições, lendas locais e ritos ancestrais, problematizam a ordem conhecida da sociedade moderna. Dialogando intensamente com a Natureza, sob a forte influência da visão telúrica, trata-se de resolver os problemas universais, encontrando assim o caminho até à eternidade. Neste espaço mítico, “a escrita valteriana” deixa-nos conhecer os sujeitos singulares, que nos oferecem as suas próprias soluções como únicas lógicas na procura do sentido existencial. Acabamos com as palavras que mais precisamente mostram a importância deste romance singular: „Mas a mensagem grotesca e bela que Valter Hugo Mãe imprime nas suas narrativas encontra neste romance uma espécie de totalização, revelando a necessidade da sua literatura: só há humanidade no exercício de alteridade.“ (Teotônio, 2016: 363)

Bibliografia

- Eliade, Mircea. 1982. *Kovači i alkemičari*. Zagreb: Zora.
- Garcia, Sílvia Cristina. 2019. *Homens Imprudentemente Poéticos: Alteridade e Criação Literária em Valter Hugo Mãe*. Dissertação de Mestrado em Literatura e Crítica Literária.
- Hugo Mãe, Valter. 2016. *Homens imprudentemente poéticos*. Porto: Porto Editora.
- Hutcheon, Linda. 1985. *Narcissistic Narrative, the metafictional paradox*. New York and London: Methuen.
- Pascoal, António Jacinto. 2017. *Homens Imprudentemente Poéticos*. Valter Hugo Mãe, in: *Colóquio Letras*, n.º195: 252 - 254.

Polo García, Victorino (1975). *Entre la Fantasia y el Telurismo – asedio cordial a la obra de Juan Rulfo*: <https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/21876/1/02%20Entre%20la%20fantasia%20y%20el%20Telurismo.pdf>. (1/3/2021).

Teotônio, Rafaella. 2016. Os romances de Valter Hugo Mãe: literatura e alteridade, in: *Nenhuma palavra é exata* [ur. Carlos Nogueira]. Porto: Porto Editora: 350 – 364.

Princip različitosti u potrazi za smislom života

U strujanjima suvremenih književnih djela važnost principa različitosti vrlo je često isticana pri oblikovanju individualnog, ali i nacionalnog identiteta. Smještanjem svojih likova u područja izoliranih, zatvorenih i svojim posebnostima izdvojenih cjelina i lokaliteta, Valter Hugo Mãe svojim idejama i narativima sugerira da je rješenje traganja i egzistencijalnih problema upravo u približavanju pojedinca, samog po sebi različitog i po nekim svojim osobinama drugačijeg od društvene većine, s prirodom i podređivanju zakonitostima nje same. Svojevrsna dehumanizacija i vraćanje u prvotno, gotovo životinjsko stanje, daju odgovore na pitanja na koja čovječanstvo traži odgovore oduvijek. Upravo se o takvim pojedincima, izdvojenima iz društva, posebnima već svojim rođenjem, a i načinom života, radi u njegovom posljednjem romanu, „Nepromišljeno poetični ljudi“, čija je analiza temelj ovog rada. Dvoje individualaca, Itaro e Saburo, potpuno suprotnih razmišljanja, karaktera i postupaka, žive život jedan do drugog, ispreplićući svoje sudbine. U „valterianskom pisanju“ važan je trenutak „dehumanizacije“, nužan da bi se pronašla konačna životna rješenja. Upravo je stoga i odabran Japan, zemlja „na onom kraju svijeta“, gdje pojedinci i zajednica žive u skladu s principima prirode i drevnih mitova. Šuma Aokigahara, upravo je idealno mjesto za smještaj likova odabranih u ovoj priči o „nepromišljenoj poetici „ života.

Ključne riječi: različitost, rubno, izoliranost, Priroda, tradicija.